

Caminhos de resistência das personagens Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira em Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior

Allan Jonhnatha Sampaio de Paula⁵¹
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Resumo

Este artigo discute a composição das três personagens que narram o romance *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. Através da caracterização dessas personagens, analiso suas relações com as ideias de trabalho, vida e natureza. As três personagens são consideradas a partir de suas vivências, seus caminhos de resistência em nome da luta pela terra e a própria sobrevivência de cada uma. Para isso, conjeturo as relações entre o romance, a pesquisa etnográfica da tese doutoral de Itamar Vieira Júnior (2017) e a ideia de amefricanidade em Lélia Gonzalez (2020). Outros referenciais teóricos são Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2015), Lília Schwarcz (2019), etc. A partir das relações de poder literalizadas em *Torto Arado* uma realidade presente no interior do Brasil é representada, sobre uma face da população ainda sujeita a propostas mantenedoras de um esquema colonial, escravista e racista. Concluo que as personagens são caracterizadas como mulheres negras quilombolas que lutam a partir de suas particularidades. Elas ressignificam suas existências e suas relações entre elas e a natureza.

Palavras-chave

Personagens. Resistência. Amefricanidade. Trabalho. Natureza.

⁵¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) / Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-graduando nas especializações de Língua Portuguesa e Literatura no Contexto Educacional; Arte, Cultura e Educação e Metodologia do Ensino de História e Geografia e suas Linguagens pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (UNICESUMAR). Mestrando em História e Letras pela FECLESC/UECE. Pesquisa nas áreas de Literatura Especulativa (Fantasia, Ficção Científica e Distopia), Literatura Cearense e de Língua Inglesa, bem como História Contemporânea do século XIX à atualidade, História do Brasil e do Ceará. Também trabalha com pesquisas envolvendo Áudio Visual: Cinema e Televisão, Estética e Moda, Educação e Relações Étnico-raciais. Ex-bolsista (PIBIC/CNPq) na área de Educação e ex-bolsista do Programa Residência Pedagógica (CAPES). Integrante do grupo de estudos de literatura produzida por mulheres intitulado Filhas de Avalon. É professor de inglês no Centro de Ensino FISK - Quixadá e professor voluntário de História na Rede de Educação Popular Emancipa - Núcleo do Sertão Central do Ceará.

Introdução

Descrever a trajetória de pessoas que parecem viver em um limbo espaço-temporal alternativo à globalização e o cosmopolitismo do mundo contemporâneo pode ser encarado como um trabalho raro e admirável para os tempos em que vivemos. Em meio a correria dos dramas urbanos, ainda podemos encontrar romances que se passam em uma outra face do Brasil, muito explorada, por exemplo, na década de 1930, por escritores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, os nomes que se destacaram por tratar de um Nordeste interiorano e tomado de secas, cangaceiros, cruzando os campos de cana-de-açúcar e de cacau, pequenas cidades e fazendas. Esse Brasil do interior narrado por esses nomes influenciou a criação literária de Itamar Rangel Vieira Júnior, autor do romance *Torto Arado*⁵², obra essa que se insere nesse limbo alternativo e raro de nossa literatura. Outros escritores, como Guimarães Rosa e Raduan Nassar, também parecem ter deixado sua contribuição na memória e processo criativo de Vieira Júnior.

Ambientado em uma região interiorana da Bahia, o romance remonta a aura de um Nordeste esquecido pelo poder público, tomado de trabalhadores, que vivem suas realidades suspensas do privilégio dos latifundiários. Contudo, diferente do chamado Romance de 30, Vieira Júnior transplanta uma nova página desse mundo rural brasileiro, desmistificando estereótipos, constituindo personagens pouco presentes no cânone da literatura brasileira e fazendo eles surgirem em torno de suas crenças e vivências próprias, remontando uma cosmovisão única e complexa do que é viver no interior do Brasil. O romance é narrado em primeira pessoa por três personagens diferentes. A primeira parte, intitulada “Fio de corte”, é narrada por Bibiana, a segunda parte de nome “Torto arado” é narrada por Belonísia, irmã de Bibiana, e a terceira e última parte nomeada como “Rio de Sangue” é narrada por Santa Rita Pescadeira, uma entidade adorada nos encontros religiosos do jarê.

O enredo percorre primordialmente os caminhos das duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que tiveram suas trajetórias interdependentes durante a juventude por conta de um acidente de infância. Juntas, as duas irmãs atravessam veredas distintas pelas suas existências e convivem com as mais diversas dificuldades de um Brasil pautado em relações étnico-raciais clivadas e demarcadas ainda pelo patriarcalismo e paternalismo

⁵² VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

dos enlaces quase senhoriais do mundo rural do país. Um romance que não indica com precisão o tempo em que ocorre suas ações e se lança a uma era quase mítica pela justa falta deste. Por detalhes inseridos no constante túnel de mudanças político-sociais que percorrem as personagens, a noção temporal da narrativa parece mais voltada para meados do século XX, se estendendo até os anos 1970, porém facilmente ainda poderia ser contada baseada em vivências de inúmeras fazendas isoladas pelo Brasil no século XXI.

Discuto sobre as trajetórias de resistência das três personagens narradoras de *Torto Arado*: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. A partir da caracterização das três personagens, delinco suas relações com as ideias de vida, trabalho e natureza, analisando a formação constante de suas identidades. O trabalho está dividido em uma primeira parte, onde apresentamos um panorama da vivência e cosmovisão das personagens e uma segunda parte onde descrevo e analiso as trajetórias de Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira a partir de suas conduções e comportamentos em nome de suas sobrevivências e ligações com a terra.

1 Vivência e cosmovisão das personagens

Bibiana e Belonísia vivem na Fazenda Água Negra, junto a mãe, Salustiana, uma parteira, e o pai, Zeca Chapéu Grande, um curandeiro e líder das noites do jarê, a doutrina religiosa predominante entre os moradores e lavradores da fazenda, em sua maioria, negra. O jarê é um conjunto de microcrenças que possui elementos do catolicismo rural do Nordeste Brasileiro, da umbanda e do espiritismo kardecista. Um dado importante é que o jarê ocorre quase que exclusivamente na região da Chapada Diamantina (BANAGGIA, 2013, p. 292).

Trata-se de uma variante do “candomblé de caboclo”, culto no qual os deuses yorubas ou orixás foram em grande medida assimilados a uma classe genérica de entidades nativas, os caboclos, considerados como índios ou descendentes de índios. Nesse sentido, o jarê representa uma vertente menos ortodoxa do candomblé, resultante de um complexo processo de fusão onde há influência dos cultos Bantu-Yoruba. (RABELO; ALVES *Apud* VIEIRA JÚNIOR, 2017, p. 61).

Nesse sentido, a vivência do jarê em que estão inseridas as personagens perpassam uma dimensão sincrética de mundo e crença, demarcando traços ancestrais dos sujeitos que adotam o jarê como princípio religioso. Constituindo um dos primeiros marcadores culturais da história, as “noites do jarê” é resultado de uma comunhão de

saberes, algo já registrado em outras obras literárias, que demarcam a cosmovisão mesclada de inúmeros afrodescendentes. Ana Maria Gonçalves atesta isso em *Um defeito de cor*⁵³, ao descrever as manifestações religiosas baianas no período escravocrata:

[...] na Bahia eram louvados os orixás dos nagôs e dos iorubás, os voduns dos fons e de todos os povos do Daomé, e os *nkisis* dos bantos do Congo e de Angola. [...] Havia casas de pretos da mesma nação que cultuavam apenas um orixá, o da própria tribo, mas também haviam casas frequentadas por muitas nações [...] (GONÇALVES, 2006, p. 501-502).

Constituindo a mescla das vivências de seus antepassados, os viventes em Água Negra trabalham na colheita para o dono da fazenda. Eles também podem plantar nos finais de semana no terreno em que cada um vive nas casas de taipa que eles mesmos construíram, já que não era permitida a construção de casas de alvenaria. Contudo, o que eles plantassem, parte ainda deveria ser dada ao fazendeiro, que por sinal, pouco aparecia na fazenda. Esse regime quase feudal de produção é narrado pelas vozes das duas irmãs em duas das três partes que constituem o romance.

A narrativa em *Torto Arado* incorpora as vozes sufocadas dessas personagens, que muito se alinham as vozes da tese doutoral de Itamar Vieira Júnior. Construindo uma pesquisa em caráter etnográfico, o autor, geógrafo de formação, trouxe para linhas metafóricas e nuances diversas, os testemunhos do que ele vivenciou como funcionário do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e acadêmico. Reimaginando vozes baseadas naquelas que ele ouviu, Vieira Júnior estabelece um alinhavado novo as linhas literárias do nosso país, demarcando novas terras ao lado do cânone nacional majoritariamente branco. Ao superar o discurso do colonizador em seus matizes passados e presentes, a perspectiva afro-identificada configura-se enquanto *discurso da diferença* e atua como elo importante dessa cadeia discursiva (DUARTE, 2015, p. 12).

A perspicácia de Vieira Júnior em contar uma narrativa longe dos centros urbanos rema contra a corrente da tendência da literatura brasileira contemporânea que traz a urbe como “[...] um símbolo da sociabilidade humana, lugar de encontro e de vida em comum – e, nesse sentido, seu modelo é a pólis grega” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 110). Esse âmbito de relações é transferido para o campo e habita uma nova cosmovisão distinta do comum ao incorporar a sociabilidade de personagens que vivem da

⁵³ GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

agricultura e da pecuária em fazendas distantes do movimento das pistas e avenidas. A vivência não ocorre apenas entre as pessoas, mas com a própria natureza. O trabalho e a sobrevivência se coadunem em existência e juntos compõem as trajetórias das pessoas que habitam o mundo da narrativa. Em *Torto Arado*, havia

Mãos que abriam a cova com a enxada, arrancando grandes pedaços de solo e ervas, para nela florescer a mandioca ou para enterrar um corpo. Mãos separando as folhas das rezas e dos remédios. A boca, vela, os sons dos encantados agitando o ar, os peixes nadando contra a correnteza (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 247-248).

Assim, a cosmovisão de homens e mulheres que habitam o campo é traçada por uma trajetória de lutas por sobrevivência e (re)existência, representadas e alinhadas as noções de trabalho, vida e natureza concebidas nas próprias trajetórias das personagens. Enquanto se conectam com a terra no amanhecer de cada dia para o trabalho, essas personagens estão entrelaçadas a uma relação de subserviência e sobrevivência com seu patrão. Independente da estação das chuvas ou da estiagem, esses lavradores devem trabalhar e separar o que será doado à fazenda e dessa forma, manter a relação quase servil a qual estão submetidos em nome da sobrevivência.

É pela permanência na fazenda que um espaço de sociabilidade perpassa gerações na comunidade de trabalhadores e dessa forma, de geração em geração, os ditos do jarê, as noções servis de trabalho e a luta pela sobrevivência em um ambiente distante da urbe e dos serviços básicos de educação e saúde são perpetrados pelas pessoas ao longo do tempo.

Com base nessa breve triagem de características, selecionamos as narradoras das três partes do romance para que possamos analisá-las de maneira mais acurada.

2 Caminhos de resistência

Vamos adentrar a vida das duas irmãs que contam grande parte dessa história para seus leitores. Bibiana é a primeira a se apresentar a nós e nas primeiras páginas, conta sobre sua curiosidade na infância acerca da mala de Donana, sua avó, que já vivia senil. Donana caminhava pelo quintal distraída sem imaginar que suas netas estariam fazendo tramoia com sua mala: arrastaram ela debaixo da cama e lá, Bibiana encontrou um facão reluzente que chamou sua atenção e quis sentir o gosto do metal na boca. Contudo, ao aproximar o facão, atiçou a curiosidade de Belonísia, mais nova e

que ansiando imitar as ações da irmã, tomou a faca das mãos de Bibiana, causando-lhe um corte na língua. O mesmo aconteceu com Belonísia, que ao sentir o gosto metálico do fio de corte, sentiu o morno quente do sangue escorrer. Quando Donana, enfim, percebeu o ocorrido se desesperou e mandou chamar por seu filho, Zeca Chapéu Grande, e sua nora, Salustiana. Donana nunca mais se recuperaria do peso da culpa e mesmo depois de jogar fora a faca, ela partiria em breve, triste e sem rumo. As meninas foram levadas para o hospital na caminhonete da fazenda, embotadas de sangue. Chegando ao hospital, Bibiana se apresenta a nós de maneira peculiar: “Foi o primeiro lugar em que vi mais gente branca que preta. E vi como as pessoas nos olhavam com curiosidade, mas sem se aproximar” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 18-19) Ao apresentar ao leitor a cor do outro – o branco – ela constitui sua própria identidade étnico-racial – negra. Tal manobra, muito comum a diversos escritores do século XIX e XX em textos considerados negro-brasileiros por Cuti (2010), é repetida aqui com sutileza.

Bibiana tinha apenas cortado a língua e sua irmã, que realmente perdera o órgão, estaria condenada ao silêncio se não fosse pela mediação de Bibiana. Belonísia passa a se comunicar através da irmã e juntas, permanecem a infância em constante simbiose. Mas a situação se modifica quando as irmãs conhecem Severo, primo que veio morar com a família na fazenda. Bibiana se sente atraída por Severo e se encanta pela altivez e consciência do rapaz em querer alcançar novos rumos no mundo. É quando vemos a visão de Bibiana sobre sua vida, que ela nunca tinha pensado para além dos limites de Água Negra. Imbuída pelo sentimento por Severo, Bibiana acaba deitando-se com ele em um período de grande estiagem, que arrasta pobreza e morte para a fazenda. Deitando-se com Severo, é quando Bibiana sente a natureza lhe conclamar: “Depois de tanto ouvirmos falar sobre as crianças mortas, a natureza, misteriosa e violenta, nos impelia para conceber a vida” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 76). Nessa e tantas outras passagens, começamos a perceber a profunda conexão que as personagens assumem com a terra em que pisam e vivem. A partir desse ato, Bibiana descobre estar grávida e decide fugir com Severo. Contrariada ou não, sua partida remonta uma prática comum dos sertões: as fugas, que engendram uma noção tensionada do tecido social. Quando uma fuga ocorre, é sintomático pensar que algo se desviou do panorama normativo de vivência. Seu ato se compõe de seu primeiro grande gesto de resistência que opera na narrativa. Ao fugir, Bibiana assume uma postura escapista da realidade dura que vivia, ao mesmo tempo que abandonaria sua família, que seguiria na mesma vivência.

Belonísia, por sua vez, narra a segunda parte do romance, recontando o

acontecido da faca sob seu ponto de vista e demonstrando a admiração que tinha pela irmã. Ao perder a língua, ela se silencia para o mundo e depois da fuga de Bibiana, Belonísia se cala e apenas percebe quão desalinhada ela era para as normatividades de uma modernidade que chegava a Água Negra em passos lentos. Ela não se alinhou a escola e preferia o contato com a terra. Em si, seu ato se constitui de resistência pelo desvio da normatividade modernizadora da escola, em que ela não enxergava sentido no que ouvia da professora, em seu discurso distante e fora do eixo de sua vivência. Foi no ofício de lavradora, que Belonísia conhece Tobias. Os dois se aproximam e se engraçam um do outro. Ela se sente mexida pelo homem, que acaba convencendo-a a viver com ele. Belonísia encontra na vida de casada uma realidade que ela não imaginava jamais sentir: o peso da responsabilidade sobre seus ombros de manter uma casa e um marido. Tobias passa a se tornar mais violento e exigente, na medida que Belonísia percebe que uma de suas vizinhas, Maria Cabocla, passava por repressão ainda maior, sendo ameaçada pelo próprio marido.

Belonísia enxergava o sexo de maneira distinta da irmã. Ela não sentia a natureza impelir sua presença. Para Belonísia o sexo “era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 114), uma repetição. Vivendo infeliz, Belonísia acaba por achar no interior de um pote, o facão de sua avó, que Tobias muito provavelmente encontrou na beira do rio. O facão, agora em novas mãos, parece receber uma carga simbólica ancestral de instrumento de luta e defesa, passado de mão em mão. Bibiana retorna anos depois a Água Negra, como professora, casada com Severo e com filhos. Belonísia também passa a frequentar um novo jarê junto ao marido, pois ela ficara impedida de ir ao jarê de seu próprio pai. Ao debochar da curandeira do jarê que frequentava, já ébrio e cambaleante, Tobias recebeu um aviso dela: estaria em perigo. Belonísia tinha noção da força dos encantados, as entidades que habitavam os corpos de quem dançava, tocava e aquecia o couro do batoque nas noites de jarê e por isso, não sentiu o impacto da misteriosa morte de seu marido: caíra do cavalo no meio da estrada e perdera a vida.

Belonísia decidiu que viveria sozinha, mesmo visitando os pais frequentemente. Ela assume uma postura curiosa a partir do momento que decide se aproximar de Maria Cabocla. Tentando proteger Cabocla, como protegeu a si mesma, Belonísia vivencia com sua vizinha um momento marcante. Maria Cabocla decide arrumar o cabelo de Belonísia e o toque dos dedos da vizinha na jovem sem voz traz tranquilidade e paz. O gesto sutil de Cabocla que emana um calor acolhedor desperta

em Belonísia uma sensação assim por ela caracterizada:

Quando terminou o penteado, eu estava quase cochilando, e senti o calor de seu corpo próximo à minha cabeça. [...] Durante muito tempo depois daquela noite, fechei os olhos para tentar sentir de novo Maria Cabocla” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 147).

Página | 85

Belonísia parece imprimir um sentimento de muitas camadas: ora demonstra conforto ao sentir a delicadeza e atenção de Maria Cabocla, coisa que não sentia com seu marido, ora parece rememorar posteriormente a imagem de sua vizinha com carinho e desejo, sensação que a fez tentar “acalmar o interior de meu corpo que ainda pulsava vivo ao afeto que havia recebido” (Ibid, 2019, p. 148). Belonísia imprime uma sexualidade nebulosa na narrativa, eriçando o leitor à curiosidade. As dimensões de sua sexualidade são desenvolvidas com base em seus próprios referenciais de vivência, fora do eixo globalizante e, por essa razão, a possibilidade de uma relação homoafetiva se delinea sutilmente nos pensamentos da personagem, sem, no entanto, ser nomeado dessa maneira ou mesmo concretizado.

Sua hesitação em como se apregoar advém do caráter inserto de sua própria expressão comunicacional diante da falta de sua língua. Ao abrir a boca, Belonísia ouvia apenas sons sem sentido que a lembravam do trajeto de um torto arado, diferente do som “redondo, fácil e ruidoso” que tinha apenas a palavra arado:

O som que deixou minha boca era uma aberração, uma desordem, como se no lugar do pedaço perdido da língua tivesse um ovo quente. Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 127).

Belonísia se sente fora do eixo, fora da vala onde se planta, como se ela mesma não pudesse ser cultivada ou cultivar algo. Ela vivencia uma existência limitada ao próprio silêncio, reverberando sua postura quieta e sutil. Como um arado torto, que não faz seu trabalho direito, nossa personagem se sente igualmente torta, desviante, sem rumo certo. Seu único afago é a própria terra onde pisa e planta, onde colhe o que produz como uma mensagem ao mundo de que existe e se move e por isso, se ressignifica dentro de sua vivência.

A caracterização das duas irmãs em muito remonta algumas personalidades impressas na pesquisa doutoral de Itamar Vieira Júnior sobre a comunidade quilombola de Iuna, na Chapada Diamantina. Bibiana em muito lembra Iracema, uma das entrevistadas de Vieira Júnior em seus registros etnográficos. “Iracema Sacramento, filha do curador Rosalvo e da parteira Jovita, e diretora da escola Irineu Dultra, que

atende a comunidade” (VIEIRA JÚNIOR, 2017, p. 203). Assim, como Iracema, Bibiana é filha de parteira e de um curador e trabalha como diretora, função semelhante a que Bibiana emprega enquanto professora no romance. Ela também resguarda com Iracema outra característica: ser líder da comunidade. No romance, Severo volta a Água Negra disposto a abrir os olhos dos lavradores sobre o descaso do trabalho deles e a falta de uma identidade política coletiva na comunidade. Água Negra era um seio de vivência quilombola. Mas, ao buscar tal medida transgressora, Severo acabou por chamar a atenção do fazendeiro, sendo fatalmente atingido por uma bala. Essa foi uma das muitas manobras inibidoras do fazendeiro, que ainda mandou atear fogo as casas de muitos moradores da fazenda, como gesto de ameaça. Bibiana, toma a dianteira da situação depois da morte do marido, e mesmo com a mudança de dono na fazenda, ela segue os passos de Severo em prol do discurso emancipador de Água Negra enquanto comunidade quilombola. Sua manobra de resistência assume um caráter coletivo e agregador, diferente da simbologia de sua fuga.

Nesse sentido, a narrativa nos conduz para uma nova percepção de luta pela (re)existência dessas personagens, principalmente de Bibiana, que assume novos papéis diante das novas vivências que passa a ter em Água Negra. A caracterização da mulher negra na história se compõe de um caminho de luta e ressignificação, o que a induz a constituir-se de uma imagem autônoma e mais independente.

Imbuída pelo senso de sobrevivência, a personagem se reconstrói diante de seus novos desafios e ocupa o lugar de seu companheiro, reconfigurando seu próprio papel na narrativa como mulher negra e quilombola. Esse caráter contínuo de reformulação de papéis e funções na história reverbera outro dito de Gonzalez consonante ao pensamento de Simone de Beauvoir: assim como “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p. 11), em relação as populações pretas, “não nascemos negros, nos tornamos negros. É uma conquista o tornar-se negro” (GONZALEZ, 2020, p. 234).

Bibiana reverbera, assim, uma caracterização profunda enquanto personagem, assumindo as angústias e os anseios que a percorrem, tal qual as pessoas que a cercam. A manobra transgressora de sua postura assume característica capital da literatura, dita por Cuti como negro-brasileira. Bibiana constitui postura de afronta ao poder do fazendeiro e latifundiário que a tudo controla em Água Negra e na medida que ela desafia sua autoridade ao conclamar seus iguais para uma luta a favor da emancipação da comunidade enquanto quilombola, contesta os grilhões de um passado escravista e de herança cruel ao Brasil contemporâneo.

A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua, segue mudando de cor como os camaleões, adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaboradas (CUTI, 2010, p. 10).

Em *Torto Arado*, a própria troca de donos da fazenda simboliza mudanças de regime, mas que compartilham prerrogativas comuns de domínio ideológico. É como se um ciclo autoritário da história brasileira se remontasse em um novo mosaico de tendências alinhadas as demandas do tempo concernente.

Essas são histórias ‘persistentes’, que não terminam com a mera troca de regimes; elas ficam encravadas nas práticas, costumes e crenças sociais, produzindo novas formas de racismo e de estratificação (SCHWARCZ, 2019, p. 32).

Dessa forma, a literatura negro-brasileira ou afro-brasileira se caracteriza a partir de um ponto híbrido de análise que reconhece o Brasil como um país múltiplo, que não considera o mito da democracia racial e identifica diversos matizes da população brasileira, fruto de um processo colonial e imperialista. Esse processo, doloroso, feito a custo de genocídio e etnocídio, reverbera na contemporaneidade em um quadro que considera as comunidades originárias, africanas e europeias como matrizes de uma população clivada e em constante reconstrução identitária. Sob essa perspectiva, Lélia Gonzalez nos apresenta ao conceito de Amefricanidade, que reflete a amplidão e diversidade da literatura afro-brasileira, estabelecendo-se em consonância com a própria sociedade, clivada e circundada em múltiplas relações de poder, da qual a luta dos povos originários e afrodescendentes se demarca como processo de sobrevivência e (re)existência.

Portanto, a *América*, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo *amefricanas /amefricanos* designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, *amefricanos* oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada (GONZALEZ, 2020, p. 135).

A Amefricanidade a qual Gonzalez se refere constitui-se de todas as vivências político-culturais, por sua vez desenvolvidas na narrativa de *Torto Arado*, e que estão presentes na flutuante atmosfera identitária do Brasil. As manifestações religiosas, a ligação com a terra, a luta por ela, a resignificação de si, todos esses elementos se

estabelecem na cultura e vivência das personagens, como também se desenvolvem no âmbito da política, na medida que a ressignificação dos corpos negros é postulada como marcas de corpos alinhados a uma busca por direito e cidadania. Assim, em *Torto Arado*, o alinhamento à noção de amefricanidade se estabelece como mecanismo de identidade, existência, política e sobrevivência.

E assim como Bibiana, Belonísia resguarda lugar nas memórias de uma das entrevistadas de Vieira Júnior.

Albertina teve quatro filhos, três homens e uma mulher. Ainda com as crianças muito pequenas, o marido morreu após cair do cavalo enquanto trabalhava. Ela admite que embora não se impressione com os eventos místicos que costumam acompanhar o jarê, principalmente, a morte do seu marido tinha uma relação com uma maldição. Certa noite, José Martins foi só para um jarê localizado nas proximidades de Lençóis. Depois de consumir muita bebida, o que é comum nesses eventos, ele começou a “desfazer” dos poderes dos encantados, sugerindo que a curadora da casa era uma charlatã. Muito enfurecida com os insultos que lhe eram direcionados, a curadora o teria amaldiçoado. Pouco tempo depois, José Martins sofreu o acidente de cavalo que o mataria (VIEIRA JÚNIOR, 2017, p. 226).

Albertina também foi casada e na relação com seu marido, percebeu que, assim como Belonísia, não assumia o caráter normativo da moça casadoira: “Aceitei casar e me arrependi depois, mas antes eu tivesse morrido no dia que eu fui casar, porque eu me arrependi, eu não queria, não” (ALBERTINA *Apud* VIEIRA JÚNIOR, 2017, p. 226). Sua trajetória difere da de Belonísia ao ter conseguido gerar filhos, coisa que a irmã de Bibiana não conseguiu, segundo Maria Cabocla, pela infertilidade de Tobias. O destino do marido de Albertina também se cruza com o de Belonísia, indicando mais uma vez, a verossimilhança e convergência com relatos orais.

Na terceira e última parte, *Torto Arado* é narrado por Santa Rita Pescadeira, uma das encantadas relatadas na pesquisa de Vieira Júnior e que aqui assume vida própria ao compor uma narrativa quase onisciente e onipresente dos espaços e das personagens. A manobra é engenhosa, visto que a narrativa quase se torna em terceira pessoa em relação as narradoras anteriores do romance, mas que se constrói em primeira pessoa sob o olhar em trânsito da encantada, que praticamente tudo vê e tudo sabe.

No romance, Santa Rita Pescadeira desaparece do jarê depois que seu cavalo – nome dado para a pessoa que incorpora uma entidade na tradição candomblecista – partiu. Algo semelhante é relatado na pesquisa de Vieira Júnior por Jovita, mãe de Iracema.

Tinha uma mulher que tinha [recebia um encantado] uma santa chamada

Santa Rita Pescadeira. Ela cantava, dançava, era tanto que ela estava lá sentadinha, era só compadre Rosalvo cantar e pegar na cabeça dela e saía rodando, dançando. Santa Rita Pescadeira era o encantado dela. Ela chamava até Maria, já morreu. Depois que ela morreu não teve mais Santa Rita Pescadeira. Que eu visse não. Ela era toda tortinha assim, caía para dentro dançando (JOVITA *Apud* VIEIRA JÚNIOR, 2017, p. 241).

Nesse sentido, Santa Rita Pescadeira fez parte da sociabilidade do jarê em Iuna e foi transposta para a narrativa do romance sob uma nova óptica: da fluidez e mansidão de uma entidade que tudo vê e sente, criando personalidade própria. Ela sente-se sozinha e esquecida, sem um cavalo para incorporar, mas a partir do momento que ela habita a vida de novos moradores e sente suas trajetórias e seus espíritos emanarem em luta, Santa Rita Pescadeira conhece o caminho que ela também faz parte. Ao saber da vida de Belonísia, por exemplo, a encantada deságua pelos rios da vida daquela mulher e nos revela a inquietude dela ao afirmar que o silêncio de Belonísia é expresso pela própria conexão dela com a natureza: “Então sentiu que desde sempre o som do mundo havia sido a sua voz” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 248). Assim, Santa Rita Pescadeira se revela uma confidente ao seu leitor ao expressar o que as duas narradoras anteriores não revelaram sobre elas mesmas até ali e se constitui como uma encantada que incorpora a mente e a trajetória dos lavradores, sendo luta e (re)existência como todos em Água Negra.

Ao final, ela narra um fim simbólico para a história das irmãs, um dia unidas pelo fio de corte de uma faca. Como uma lâmina que nunca perdeu o fio e permaneceu acesa na luta transgressora de seus antepassados, Santa Rita Pescadeira incorpora em Belonísia e assassina secretamente o fazendeiro, em uma das sequências mais metafóricas e complexas do romance pela carga simbólica que carrega.

A onça caiu sobre a borda do fojo, sustentando o corpo com as garras para não ser lançada em definitivo para o buraco. Assustou-se com a armadilha escondida no meio da mata, coberta de taboa seca e palha de buriti. Há quem jure que capatazes usaram as mesmas armadilhas de caça para capturar escravos fugidos no passado. A onça caiu com as presas enterradas no chão. Retirou uma porção de terra da boca. Não, era uma armadilha tola para capturar uma caça. Mas antes que levantasse, se abateu sobre seu pescoço um único golpe carregado de uma emoção violenta, que até então desconhecia (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 261-262).

Santa Rita Pescadeira demarca sua presença no imaginário da comunidade de Água Negra e assume seu domínio de encantada como um poder também ancestral, carregado de força simbólica e dosada em um tom insólito do momento que metaforiza o embate direto do subalternizado e do sujeito que ocupa o espaço preponderante de poder. Dessa forma, a encantada não é mais apenas uma manifestação da crença, mas da

própria transgressão normativa da sociabilidade repressora da comunidade. Ela é a própria simbologia e manifestação da resistência.

Conclusão

A demarcação cruzada das trajetórias de mulheres da vida real junto de mulheres ficcionadas constitui um elo fundamental proporcionado pela literatura: das ideias circundantes da sociedade em face de uma representação narrativa. As demandas de determinado tempo e espaço imprimem em *Torto Arado* uma demanda social por uma vertente de nossa literatura resguardada ainda a um lugar subalternizado na “emanação do discurso” como bem afirma Cuti, o da literatura afro-brasileira ou negro-brasileira. “E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 10).

Dessa forma, é demarcada uma incursão por espaços pouco explorados pela literatura nacional, fora de um eixo caricatural, mas sublevado de camadas múltiplas de desenvolvimento narrativo, que asseguram uma história alinhavada com firmeza e que concerne ao povo negro representação mais crível e complexa. A partir das relações de poder literalizadas em *Torto Arado* concebemos uma realidade presente no interior do Brasil, de uma face da população ainda sujeita a propostas mantenedoras de um esquema colonial, escravista e racista. Pelas transgressões de nossas personagens, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira assumem postura distinta da subalternização obediente e tomada de discursos de penúria. Apesar dos percalços, é na transgressão performativa de seus atos, que elas assumem presença viva no romance.

Ademais, ainda podemos inferir a relação do autor do romance, Itamar Vieira Júnior, com a comunidade que lhe foi *locus* de pesquisa. Ele reflete sua vivência do exterior do seio geral de sociabilidade que analisou, mas aguçando sua sensibilidade para a composição narrativa de seu romance. Dessa forma, ele incorpora seu próprio conhecimento de mundo às experiências que ele observou, amalgamando esses elementos em sua criação.

Na linha final de *Torto Arado*, Vieira Júnior ironiza uma frase eugenista muito problematizada na contemporaneidade sobre a lei do mais forte. O mito de que povos mais desenvolvidos e caucasianos teriam que carregar o “fardo” de civilizar os povos menos desenvolvidos na América, África e Sudeste Asiático se ressignifica na própria particularidade da narrativa, assumindo uma face renovada de sobrevivência, não

daquele que se diz superior ou inferir sob o manto ideológico do cientificismo racista, mas a partir de um prisma de pensamento que reverbera a noção de resistência de quem ocupa o lugar subalternizado e anseia a transgressão por direito. Enfim, “sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 262). Ou seja, aquele que luta e resiste, e não aquele que por convenção colonial, ocupa um suposto lugar naturalizado de poder.

A noção de amefricanidade, a ideia híbrida de uma América coabitada por múltiplas vivências de resistência advinda dos povos originários e afrodescendentes, enfim, se estabelece pelas relações das personagens com o insólito, com o mundo, a natureza e seus pares. São pelas tentativas de (re)existir e manter o respeito e fluidez com a natureza viva, que tanto Bibiana, como Belonísia e Santa Rita Pescadeira estabelecem significações distintas em suas trajetórias, que mesmo divergindo em diversos pontos, entram em um enlace comum de vivência: o de estabelecer as raízes da memória e cultura juntas enquanto elementos da existência de suas vidas, compondo-as como pessoas, como mulheres negras quilombolas que habitam a terra, a alma e o mundo de quem vive e sobrevive no interior do Brasil.

Referências

BANAGGIA, G. **As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina**. Tese de doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**, volume 2. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CUTI (Luís Silva). **Literatura Negro Brasileira**. Coleção consciência em debate. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DUARTE, Eduardo Assis. Por um conceito de Literatura Afro Brasileira. In: **Revista de Crítica Literária Latino Americana**. Lima-Boston, Ano XLI, nº 81, 2015, p. 19-43.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flávia (Org); LIMA, Márcia (Org). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 127-138.

GONZALEZ, Lélia. A cidadania e a questão étnica. In: GONZALEZ, Lélia. RIOS, Flávia (Org); LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 232-241.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar Rangel. **"Trabalhar é tá na luta"**: vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina. Tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.

PATHS OF RESISTANCE OF THE CHARACTERS BIBIANA,
BELONÍSIA AND SANTA RITA PESCADEIRA IN TORTO ARADO
BY ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Abstract

This article discusses the composition of the three characters who tell the novel *Torto Arado* by Itamar Vieira Júnior: Bibiana, Belonísia and Santa Rita Pescadeira. Through the characterization of these characters, I analyze their relationship with the ideas of work, life, and nature. The three characters are considered based on their experience, their paths of resistance in name of the struggle for land, and their survival. For this, I conjectured the relationships among the novel, the ethnographic research of the doctoral thesis by Itamar Vieira Júnior (2017), and the idea of Amefricanidade by Lélia Gonzalez (2020). Other theoretical references are Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2015), Lilia Schwarcz (2019), etc. From the power relations literalized in *Torto Arado*, present reality in the interior of Brazil is represented, on a face of the population still vulnerable to proposals that maintain a colonial, slavery, and racist scheme. I conclude the characters are characterized as black quilombola women who struggle based on their particularities. They give new meaning to their existences and their relations each other and nature.

Keywords

Characters. Resistance. Amefricanidade. Work. Nature.

Recebido em: 11/03/2022

Aprovado em: 04/05/2022